



1949/2019 – 70 anos do Pacto Áureo

UM PACTO E MUITAS CONTROVÉRSIAS

Neste mês de outubro (5), celebram-se os 70 anos do chamado “Pacto Áureo”, um acordo que pretendeu reunir sob a coordenação do Conselho Federativo Nacional, da Federação Espírita Brasileira, todo o movimento espírita do país, mas que afastou importantes segmentos comprometidos com o espiritismo genuinamente kardecista.

O surgimento do Pacto Áureo

O cenário histórico do qual partiu a tentativa de união dos espíritas brasileiros foi o **II Congresso Espírita Pan-Americano**, da CEPA, em outubro de 1949, no Rio de Janeiro. Lideranças brasileiras que participavam do evento buscavam a adoção de políticas de união entre os espíritas e, para isso, obtiveram audiência com o então presidente da FEB, **Wantuil de Freitas**, que concordou com a elaboração de um acordo. Este, previamente redigido pela FEB, e apressadamente aprovado pelos integrantes da reunião, todos representantes de federativas estaduais, conforme ata então elaborada, em seu artigo 1º, estabeleceu: “Cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo”. O segundo artigo outorgou à FEB a criação de um Conselho Federativo Nacional permanente, “com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos de sua atual Organização Federativa”.



Wantuil de Freitas, Presidente da FEB, arquitetou o Pacto.

A alusão ao livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, cuja autoria espiritual é atribuída a **Humberto de Campos**, desagradou a muitos espíritas pelo fato de apontar o autor de *Os Quatro Evangelhos*, **Jean Baptiste Roustaing**, como colaborador “na parte da fé” da obra espírita. É sabido que a maioria dos espíritas brasileiros rejeita a obra de Roustaing, por seus desacordos com a doutrina de Kardec, especialmente ao defender a tese do corpo fluídico de Jesus e de sua evolução em linha reta. O documento aprovado em 1949 desconheceu as obras básicas de Allan Kardec.

Kardecistas x roustainguistas



Deolindo Amorim, que foi Secretário-Geral do Congresso da CEPA, Rio/1949, rejeitou o Pacto.

Desde o início, importantes lideranças espíritas de reconhecidas raízes kardecistas rejeitaram o acordo. **Deolindo Amorim**, escritor e jornalista, que, então, integrava a Liga Espírita do Brasil, promotora daquele Congresso da CEPA, no Rio, foi dos primeiros a recusar o pacto. Amorim foi Secretário-Geral do Congresso que a CEPA realizava. Mais tarde, deixou consignado no livro *Ideias e Reminiscências Espíritas* ter votado contra o pacto, quando a LEB o apreciou: “E o fiz em voz alta, de pé, na Assembleia, com mais doze companheiros, que pensavam da mesma maneira”, escreveu, acrescentando: “Votei contra para ser fiel a uma convicção”. Por sua vez, o filósofo e escritor espírita **José Herculano Pires** deixou consignado

em sua obra *O Verbo e a Carne* que, com o Pacto Áureo, “o movimento de unificação foi seriamente atacado pela FEB” e que, sob a coordenação daquela Federação, cujas ideias roustainguistas ele sempre combateu, “o Conselho Federativo Nacional deformou o espírito do movimento de unificação e erigiu-se numa espécie de colégio cardinalício, emitindo bulas sobre questões doutrinárias”. (Citações feitas pelo historiador Pedro Paulo Amorim, em “Que Pacto é Esse?” - Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011).

A palavra de um ex-presidente da FEB

Dentre os críticos do Pacto Áureo alinha-se, hoje, inclusive, um ex-presidente da FEB, o paulista **Antônio Cesar Perri de Carvalho**. Em recente artigo intitulado “*Pacto Áureo – e agora depois de 70 anos?*”, Perri, que presidiu a FEB destaca que “o Pacto Áureo não se fundamenta nas Obras Básicas do Codificador”, e que “explicita apenas o livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*”, a respeito do qual diz não querer emitir juízo: “Então fica flagrante uma incoerência”, prossegue o articulista, “pois as Federativas Estaduais são vinculadas ao Conselho Federativo Nacional da FEB, com base no Pacto Áureo e que não se fundamenta nas cinco Obras Básicas, mas, por outro lado, recomendam ou exigem em seus Estados que nos Estatutos dos centros espíritas adesos exista uma cláusula referente às Obras Básicas de Kardec”. Para ele, “há outros itens do Pacto Áureo que não são do real conhecimento dos dirigentes de centros espíritas e que precisam ser substituídos, e que podem – ao pé da letra – dar margem a situações e até a condutas centralizadoras e interferencionistas”. Perri afirma em seu artigo que “o Pacto Áureo é incoerente com os conceitos de união e de unificação que a Espiritualidade tem expressado ao longo das últimas décadas”. (a íntegra do artigo está em:

<http://grupochicoxavier.com.br/pacto-aureo-e-agora-depois-de-70-anos/>).

Nossa Opinião

UNIÃO E UNIFICAÇÃO

O surgimento, no espiritismo brasileiro, do chamado Pacto Áureo marca um período hoje majoritariamente superado. Daquela época para cá, Kardec e sua obra ganharam significativo espaço no qual já não é possível conviver com as tendências místico-religiosas do gênero roustainguista ou assemelhadas.

Estudar e compreender Kardec implica obrigatoriamente em libertar o movimento espírita dos tantos mitos que contribuíram para graves distorções doutrinárias e, em consequência, para sérios equívocos institucionais, em sentido contrário às recomendações do fundador do espiritismo.

Estudar Kardec conduz, naturalmente, a reconhecê-lo como um autêntico livre-pensador que sempre se guiou pela racionalidade filosófica. Compreender sua doutrina permite situá-la em patamar que não compactua com a forma e com o agir religioso em que pontificam hierarquias investidas de autoridade para dar a melhor e definitiva interpretação, normatizando procedimentos e cerceando a liberdade das instituições e pessoas.

A CEPA que, na ocasião, dava seus primeiros passos na busca da união dos espíritas do Continente, tendo como referência central a figura de Allan Kardec, já percebera, então, que união não é o mesmo que unificação. A união, sempre desejável, deriva da “comunhão de pensamento”, formadora do laço que naturalmente se estabelece entre aqueles que identificam no espírito, sua imortalidade e comunicabilidade, a base de uma filosofia em constante progresso, em clima de liberdade e de fraternidade. Já a unificação, de nítida inspiração eclesiástica, impõe normas, crenças e procedimentos que, se não observados, justificam o afastamento e a exclusão daqueles que ousem manifestar discordâncias, mesmo em pontos não fundamentais à doutrina.

Felizmente, em nosso meio, graças ao avanço de uma cultura kardecista, fruto do melhor e mais aprofundado estudo da obra do fundador do espiritismo, o pêndulo do tempo tem apontado mais à união pelo estudo e pesquisa do que à unificação pela crença, que parte de cima para baixo.

(A Redação)



Editorial

SOBRE DEUSES E DEMÔNIOS

“Admitir Satanás e o inferno eterno é insultar a Divindade. De duas uma: ou Deus possui a presciência e sabe, de antemão, quais os resultados de sua obra, e, neste caso, executando-a, fez-se o carrasco de suas criaturas; ou não previu esse resultado, não possui presciência, é falível como sua própria obra”. (Léon Denis, “Cristianismo e Espiritismo”)

Sensata e corajosa foi a afirmação de um ilustre integrante da Igreja Católica, o Superior Geral da Companhia de Jesus, Padre Arturo Sosa, em entrevista à revista *Tempi* do Movimento Comunhão e Libertação, publicada no último 21 de agosto. Perguntado sobre se o diabo existe de fato, o chefe máximo dos jesuítas, a mesma ordem a que pertence o Papa Francisco, respondeu: “É necessário entender os elementos culturais para se referir a esse personagem. Na linguagem de Santo Inácio (fundador da Companhia de Jesus), é o espírito maligno que leva você a fazer as coisas que vão contra o espírito de Deus. Existe como mal personificado em várias estruturas, mas não nas pessoas, porque não é uma pessoa, é uma forma de executar o mal”. O sacerdote complementou afirmando que “o diabo existe como uma realidade simbólica, não como uma realidade pessoal”.

A negação do demônio – entidade que, na tradição cristã, se opõe a Deus e personifica o mal –, como ser real, já houvera sido manifestada pelo mesmo padre, meses antes, em entrevista ao jornal espanhol *El Mundo*. Como não poderia deixar de ser, essas declarações causaram acedo debate entre os católicos. A posição de Sosa foi veementemente refutada pelo sacerdote italiano Sante Babolin, conhecido como o “exorcista de Pádua” que, publicamente, reafirmou o que chamou de tradicional “doutrina da Igreja”, segundo a qual “o mal não é uma abstração” e que “o diabo, Satanás, existe como sua personificação”.

Mais acentuadamente do que na Igreja Romana, no cenário social brasileiro, as chamadas igrejas pentecostais e neopentecostais que, cada vez mais, atraem às suas crenças significativas parcelas do rebanho cristão, o demônio é uma realidade a dividir com Jesus Cristo o imenso poder contido nos impérios do mal e do bem, respectivamente. A vida, a partir dos cânones dessa teologia, nada mais é do que uma contínua luta do bem contra o mal. Uma luta comandada por “entidades” dotadas de poder que a própria natureza criada por Deus lhes conferiu. Assim é que a existência de todas as criaturas estaria permanentemente sujeita a sucessivas batalhas, numa guerra que, definitivamente, poria os bons eternamente a salvo, reservando para os maus a eterna danação ou a destruição final.

É, sem dúvida, uma teologia feita como uma luva para garantir às potestades eclesiásticas não apenas poder espiritual, como, igualmente, material e político. O catolicismo, que, por séculos, se valeu da sustentação dessa crença, para lhe assegurar o domínio de grande parcela da humanidade, hoje dá sinais claros de que o expediente não pode mais impressionar espíritos que, libertos do mito, aderiram

às leis da razão. Subsiste, no entanto, especialmente em países de baixa instrução e primária cultura social e política, como o Brasil, imensa parcela de irmãos em humanidade, desassistidos e injustiçados socialmente, aos quais essas teorias seduzem. Daí o avanço, entre nós, de teologias de nítido teor maniqueísta que se valem de figuras mitológicas, como a dos demônios, para criar ambiente favorável à revivescência de velhas teocracias que a História deixou para trás.

Para a filosofia espírita, o mal só existe como ausência provisória do bem, supremo valor da vida. E ausência do bem somente ocorre onde ainda não medrou o conhecimento que conduz à vigência das leis naturais. Estas são no sentido do progresso infinito do ser espiritual, mediante o exercício da fraternidade, do amor e da justiça como imperativos racionais, necessariamente aplicáveis onde se formem núcleos de convivência humana.

Entidades moralmente deformadas, capazes de contaminar pensamentos e ações alheios, existem, sim, neste e em outros planos da vida. Mas não são espíritos eternamente voltados ao mal. O mal que neles temporariamente habita há de ser, um dia, debelado pelo conhecimento que liberta e traz felicidade.

“Formas de executar o mal”, segundo a referência do jesuíta, seguem exercidas por espíritos, pessoas e grupos, incluindo religiosos. São frutos de deformações ou do retardo da compreensão das leis que regem a vida. Outorgar o domínio do bem e do mal a deuses ou demônios, perenemente em luta, é estimular a execução de uma interminável e desarrazoada ópera bufa, em cenário absolutamente incompatível com as razões do humanismo moderno. Para este, a felicidade é direito de todos, e a vertente espiritualista do humanismo reclama o direito de ser feliz a todas as criaturas de Deus, para além mesmo da vida física, coartífices que somos, todos e indistintamente, da obra divina.

A teologia que prega a existência de demônios é feita como uma luva para garantir às potestades eclesiásticas não apenas poder espiritual, como, igualmente, material e político.

Opinião do leitor

Kardequizar é a legenda de agora

Sobre a matéria de capa de *Opinião* nº 277, “kardequizar” é necessário, desde que se entenda que isso é mais do que decorar passagens. Decorar, muitos já fazem. Compreender é o grande desafio. **Rodrigo Farias – Rio de Janeiro/RJ.**

Pena de Morte

Belo texto, provocador e reflexivo no editorial de *Opinião* nº 277 sobre a pena de morte. Observando as ondas do avanço espiritual da Humanidade, e em antítese à infiltração das ondas obscurantistas na eterna luta entre a natureza animal versus a natureza espiritual, ocorre-me à mente a significação “latu sensu” da questão 786 de O Livro dos Espíritos: Povos Degenerados. O editorial citou a retomada de execuções nos EUA se contrapondo à política de Obama e à tomada de consciência de grande parte de países europeus. Lembro que tais retomadas à pena capital se dão pela ascensão de um governo que encontra assimilação em grande contingente de seus afins. Aqui no Brasil também sentimos atualmente essas forças retrógradas e me parece que elas não darão o braço a torcer, estão sub-repticiamente vindo com tudo pra cima, como um trator avassalador. **Sidnei Batista – São Paulo/SP.**



CCEPA
opinião

ORGÃO DO CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE
Departamento de Comunicação Social

Rua Botafogo 678 - Menino Deus - P. Alegre - RS
FONE: (51) 3209 2811 - CEP 90150-050
E-mail: ccepars@gmail.com
Blog: <http://www.ccepa-opiniao.blogspot.com.br>
EDITOR CHEFE: Milton R. Medran Moreira
Jornalista - Reg. Prof. MTb3.352

IMPRESSÃO:
Evangraf - www.evangraf.com.br
Fone: (51) 3336 2466 - Porto Alegre/RS

ASSINATURA

Envie o seu pedido de assinatura para o CCEPA, Rua Botafogo 678, Porto Alegre-RS, CEP 90150-050, acompanhado de um cheque nominal no valor de R\$ 50,00 e receba, por um ano, este vibrante mensário, porta-voz do pensamento espírita dinâmico e inovador, cultivado no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Assinatura anual para o exterior: US\$50,00

CONSELHO EDITORIAL:
Maurice Herbert Jones
Salomão Jacob Benchaya
Rui Paulo Nazário de Oliveira
Neventon Vargas (João Pessoa - PB)
REVISÃO: Salomão J. Benchaya
SECRETARIA: Tereza San Martins Samá
EXPEDIÇÃO: Rui P. Nazário de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO & ARTE: Evangraf



Opinião em tópicos
Milton Medran Moreira

Setembro amarelo

O suicídio, até pouco tempo, era assunto a respeito do qual se evitava falar. O enfrentamento direto que a sociedade entendeu agora de fazer a essa verdadeira epidemia, com a instituição do chamado “setembro amarelo”, anualmente reeditado, está permitindo uma abordagem multidisciplinar e responsável acerca do tema. É um avanço significativo. Por muito tempo, a questão teve um enfoque quase que exclusivamente religioso, fundado na ideia central de que quem atentasse contra a própria existência cometia “grave ofensa a Deus”, porque só Ele teria o direito de dar e tirar a vida de alguém.

A propósito, na história do Rio Grande do Sul, há inúmeros relatos de que, em cemitérios administrados por instituições religiosas, vigorava expressa vedação de se dar sepultamento a corpos de suicidas, cavando-se covas fora de seus muros, onde eram jogados. Suas almas iam para o inferno e seus corpos nem direito a sepultura digna tinham.

Suicídio e materialismo

A atenção provocada pelo “setembro amarelo” tem possibilitado também um melhor acompanhamento estatístico das ocorrências suicidas. Em todo o mundo elas vêm atingindo índices assustadores. De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS -, a cada 40 segundos alguém se mata em algum lugar do Planeta, e a cada três segundos há uma tentativa falha. O Brasil é o sexto país onde mais ocorrem suicídios no mundo. Aqui, registra-se em média um suicídio a cada 45 minutos.

Por que o fazem? No meio espírita, talvez de forma um tanto reducionista, costumamos afirmar que a causa maior dos suicídios é o materialismo. Sem dúvida, a visão filosófica espírita opõe forte dique à prática do suicídio. Quem assimila o sentido e o valor de uma encarnação, para o processo de evolução espiritual, racionalmente jamais cogitará em suicidar-se, mesmo quando tenha de suportar o que Kardec chamou de “provas e expiações” da vida, por mais duras que sejam. Mas...

Suicídio e depressão

...o que se tem apurado, no aprofundamento das causas do suicídio, é que elas estão muito mais ligadas a distúrbios mentais e, notadamente, à depressão, do que propriamente a convicções de ordem filosófica ou religiosa, incluindo-se aí a questão espiritualismo x materialismo. Bem mais do que o racional, o que pesa é o psíquico, o emocional.

Dificilmente alguém se mata ou tenta matar-se guardando a convicção de que, depois do decesso físico, sobrevirá o nada. A continuidade da vida, mesmo quando não é objeto de convicção filosófica ou de crença religiosa, subsiste como intuição ou como hipótese a ser temida por quem está no pleno uso da razão, incluindo aqueles que se declaram ateus ou agnósticos.

Espíritas ante o suicídio

Essas constatações convidam o espírita a deitar olhar mais compassivo e humano à complexa questão do suicídio e do suicida. É possível que o juízo condenatório, presente maciçamente em literaturas de duvidosa produção mediúnica que pintam com cores tétricas zonas espirituais do tipo “vale dos suicidas”, haja criado entre nós uma falsa presunção: a de que todo o suicida é movido por um dolo consciente e irresponsável contra Deus e a vida e, por isso, há de ser punido com uma espécie de excomunhão no plano espiritual.

“Não há culpabilidade quando não há intenção ou perfeita consciência da prática do mal” (L.E.q.954), disseram os espíritos a Kardec, no longo diálogo em que trataram do tema. Os estudos acerca da depressão, mal de nosso século, mostram indícios de que a maioria dos suicidas age num quadro de incontornável perturbação mental, que torna o indivíduo incapaz de uma avaliação minimamente racional.

Investir no tratamento dessas causas e apoiar amorosamente familiares e amigos que apresentem indícios emocionais suscetíveis de levá-los ao suicídio é bem mais eficiente do que qualquer doutrinação. Espiritismo é razão, mas, sobretudo, é amor.



Opinando
Salomão Jacob Benchaya

A QUESTÃO DE DEUS NO ESPIRITISMO (I)

Certa vez, um integrante de grupo de estudo que eu coordenava questionou a colocação de Deus como um dos fundamentos do espiritismo, argumentando que este não possui dogmas e que a temática não parecia estar contemplada na definição dada por Kardec na Introdução de *O que é o Espiritismo* – “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. Para aquele companheiro, a afirmativa da existência de Deus pelo espiritismo soava como dogmática. Não pude deixar de admitir uma certa dose de razão naquele questionamento, diante da inviabilidade de comprovação da existência divina – ou da sua inexistência. No espiritismo, a aceitação de Deus entre seus postulados básicos encontra sustentação no axioma “não há efeito sem causa” (LE questão 4).

Estudiosos espíritas, particularmente do segmento laico, têm percebido na abordagem que Kardec e os Espíritos fazem sobre Deus nas obras da codificação, uma concepção ainda antropomorfizada de Deus, não obstante a lucidez com que foi formulada a questão número 1 de *O Livro dos Espíritos* – O que é Deus? e não Quem é Deus? – objetivamente respondida como “Inteligência suprema e causa primária de todas as coisas”. Esse fenômeno, na visão de alguns pensadores como Voltaire, Dostoiévski e Nietzsche, refere-se a um Deus criado à imagem e semelhança do homem, contrariamente ao relatado no Antigo Testamento.

De fato, uma leitura atenta dos escritos kardecianos identificará referências a Deus tanto sob a ótica do Teísmo quanto do Deísmo, tornando confusa a compreensão acerca do “papel” da divindade com respeito à Criação e às suas criaturas. Enquanto na primeira pergunta Kardec e os Espíritos apresentam Deus numa visão Deísta, numa arrojada desantropomorfização, ou seja, despindo a divindade de aparência e qualidades humanas, no decurso da codificação, Deus vai ser mostrado sob o prisma de atributos humanos potencializados ao infinito e que, não obstante haver estabelecido leis naturais e universais, intervém e participa pessoalmente na sua Criação.

Como se sabe, o Teísmo é uma doutrina comum a religiões monoteístas e sistemas filosóficos frequentemente inclinados ao fideísmo (doutrina fundamentada na fé), caracterizada por afirmar a existência de um único Deus, de caráter pessoal e transcendente, soberano do universo e em intercâmbio com a criatura humana (Wikipédia). Já o Deísmo é uma posição filosófica naturalista que acredita na criação do universo por uma inteligência superior, apoiada na razão, no livre pensamento e na experiência pessoal, em vez dos elementos comuns das religiões teístas como a revelação direta, ou tradição. Assim, um dos princípios fundamentais desta posição baseia-se na compreensão de que algo criou o universo físico, mas não interfere nele de maneira evidente como sugerem as religiões teístas. O deísmo não acredita na existência de um deus providencialista (Wikipédia).

Kardec parece haver hesitado em romper com as tradições religiosas, especialmente com o cristianismo em sua concepção de um Deus pessoal e interventor. Essa posição de Kardec é reforçada em inúmeras respostas e mensagens ditadas pelos espíritos codificadores, muitos oriundos do seio da Igreja Católica.

No próximo número, voltarei com alguns exemplos dessa concepção antropomorfizada de Deus.



OPINIÃO DE...

Krishnamurti de Carvalho Dias (1930-2001), escritor autodidata e orador espírita carioca, autor de *O Laço e o Culto*.

“Religiões vivem de um maniqueísmo incrível, insistem em mandarem para o seu céu os seus próprios prosélitos e ministros, despachando, porém, para o inferno todos os demais, isso sem descerem exatamente a considerações éticas e morais, apenas do ponto de vista de zelo religioso. Quer dizer, embora bons, virtuosos, mas dissidentes em fé e opinião, quem não é do rebanho se dana, ao passo que mesmo consciências poluídas, mas que são da casa, aí sim, estes se salvam”. (Do livro *O Nascimento da Morte* – Gráfica Ita – Vitória, ES – 2000)





90 Anos com sabedoria e bom humor

Maurice Herbert Jones, o mais antigo trabalhador do CCEPA, completou 90 anos, dia 3 de setembro último. Líder incontestado do movimento de ideias que renovou a antiga Sociedade Espírita Luz e Caridade e deu ao, hoje, Centro Cultural Espírita de Porto Alegre o perfil progressista e livre-pensador que o caracteriza, Jones foi alvo de homenagem desta casa, na sexta-feira, 6/9, dia em que, habitualmente comparece ao CCEPA para participar da Oficina de Trabalhadores.



Na foto, Maurice Herbert Jones, com companheiros do CCEPA, na homenagem que lhe foi prestada.

No chá de confraternização preparado pelos integrantes dos grupos de estudo, o presidente **Salomão Jacob Benchaya** usou da palavra para traçar breve histórico do movimento de ideias que, sob a condução de Jones, eclodiu nas décadas dos anos 70 e 80, envolvendo a antiga SELC e a própria Federação Espírita do Rio Grande do Sul, em período por ele presidida, e que continua sendo cultivada no CCEPA.

Também a vice-presidente, **Dirce Teresinha de Carvalho Leite**, em emocionada manifestação, registrou o apreço pessoal que tem por Jones, destacando a qualidade maior do homenageado: a humildade, atributo próprio de quem, como ele, cultiva a sabedoria.

Por fim, Jones, reafirmou suas ideias, que se constituíram no fio condutor da história da instituição. Ressaltou a tarefa que aqui se realiza de “desconstrução de pensamentos cristalizados pela fé simplória e irracional”, o que nos leva a “aceitar o desconforto de não crer”. Exaltou “as belezas contidas no espiritismo”, mas exortou a reconhecermos, igualmente, suas “falhas”, porque, enfim, o espírita deve entender que “não existe a verdade, existe a busca”, e ela deve ser nosso propósito.

Bem humorado, Jones disse que, chegando aos 90 anos, sofre o desconforto de não saber quando passará para o outro lado e para onde irá. “Tenho notícias – disse – que não me aceitarão na Chimarrita, porque não sou gaúcho, mas nascido em Pernambuco”. A alusão a “Chimarrita” é velha brincadeira de Jones sobre “colônia espiritual” que diz existir no espaço espiritual do Rio Grande do Sul.

CCEPA vai ao cinema

A quarta-feira, 11/09, foi dia de ir ao cinema para um grupo de estudos que se reúne semanalmente, naquele dia, no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Sob a coordenação de **Beto Souza**, integrantes do grupo foram ao cinema para assistir ao filme “Divaldo”.

Em reuniões seguintes, o grupo debateu sobre a produção artística e suas repercussões, especialmente no meio espírita.



Arte e Espiritualidade foi tema na Argentina

6º Encuentro de CEPA en Argentina

Arte y Espiritualidad

Una experiencia de descubrimientos y transformaciones.



De 26 a 28 de setembro último ocorreu, em Rafaela, Argentina, o VI Encuentro CEPA Argentina, promovido pela Sociedad Espiritismo Verdadero. O tema focado este ano foi “Arte e Espiritualidade”.

A presidente da CEPA, **Jacira Jacinto da Silva**, e o diretor administrativo da instituição, **Mauro de Mesquita Spínola**, estiveram presentes ao evento.

Na foto ao lado, **Mario Molino**, prestigiado poeta rafaelino e integrante da Sociedad Espiritismo Verdadero, que, juntamente com **Cristina Culzoni**, foi responsável pela exposição inicial “Arte e Espiritualidade”, na noite de 26/9. Jacira e Mauro aparecem ao fundo.

Também o arquiteto brasileiro **Ciro Pirondi** (São Paulo/SP) teve participação no evento, expondo o tema “Arte, Urbanismo, Cidade”.

Em depoimento que nos enviou, Jacira recordou que, ao início de sua gestão, propôs envolver as atividades espíritas da CEPA com a arte, mas, diz: “nem imaginava algo tão intenso, tão profundo e produtivo, como essa experiência realizada pelos espíritas rafaelinos”. Para ela, “foram três dias de mergulho em cultura genuína, além do ambiente fraterno e amoroso que nossos irmãos de Rafaela sempre nos proporcionam”. A presidente da CEPA relatou que “com magníficas palestras, conservatório, visitas e experimentação, nos puseram em contato com grandes artistas, o que nos permitiu constatar que a relação entre arte e espiritualidade é perene, revitalizante e energizante”.

Na foto abaixo, parte do auditório que prestigiou o evento.



Agende-se: Daqui a um ano, Congresso da CEPA na Espanha. Veja abaixo:



XXIII CONGRESO ESPÍRITA DE CEPA

EL ESPIRITISMO ANTE LOS DESAFÍOS HUMANOS

09 - 12 OCT 2020

HOTEL SOL COSTA DOURADA
AV. DELS PAISOS CATALANS S/N
SALOU - TARRAGONA - ESPAÑA

Reservas e inscripciones:
www.viajescaifal.com

Dirección de correo: XXIIIcongresocepa@gmail.com



Registros da Grande Imprensa



Garoto australiano diz ser reencarnação da princesa Diana. Pode?

No Brasil, a notícia foi publicada pelo jornal carioca *O Globo*, em sua edição de 16.07.2019, mas a matéria original é da revista *Stellar*. O periódico australiano entrevistou o conhecido apresentador de TV **David Campbell** que fez esta revelação: seu filho **Billy**, de 4 anos, lembra detalhes da vida da mãe dos príncipes britânicos **William** e **Harry**, o que para o entrevistado é classificado como “uma coisa muito estranha”.

Segundo Campbell, o garoto começou a falar sobre Diana quando tinha apenas 2 anos, após ver sua imagem em um cartão: “Olha, sou eu quando era princesa”, exclamou o menino.

Mesmo sem nunca ter tido contato com assuntos da realeza britânica, Billy vem afirmando aos pais que tinha um irmão chamado John, que era o nome do irmão de Diana falecido antes de ela nascer. Ele também se refere com frequência a William e Harry.

Ao ver imagens dos integrantes da Família Real inglesa, aos 3 anos de idade, Billy passou a se referir a seus dois “meninos”. Quando lhe perguntaram quem eram aqueles meninos e ele respondeu: “meus filhos”.

CLAUDIA

Revista *Claudia* repercute o tema

Também a revista brasileira *Cláudia*, especializada em reportagens sobre famosos do cinema e da televisão, em sua edição de 17 de julho último, deu destaque à revelação feita na entrevista com o apresentador australiano, publicando matéria com a manchete:

“Reencarnação? Garoto de 4 anos age como se fosse Lady Di”

Na reportagem, *Cláudia* provoca seus leitores com esta pergun-

ta: “Você acredita em reencarnação?”. Para depois comentar: “Pois Billy, um menino australiano de 4 anos, não só acredita como afirma ter sido a princesa Diana em outra vida. O pai da criança, o apresentador de TV David Campbell, contou à revista *Stellar* que o garotinho lembra detalhes da vida de Lady Di, descrevendo a situação como algo estranho”.



David Campbell e sua família. Billy é o filho mais novo, vestindo um moletom azul (Instagram/Reprodução)

A foto ao lado foi publicada pela revista brasileira.

Paulo Henrique em Pelotas e Porto Alegre

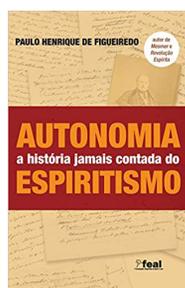


O próximo mês de novembro traz ao Rio Grande do Sul o escritor e pesquisador espírita **Paulo Henrique de Figueiredo**.

Figueiredo, inicialmente, desenvolve atividade em Pelotas, onde lança seu último livro “*Autonomia – a história jamais contada do espiritismo*”. Naquela cidade do sul do Estado, o escritor conduzirá um Seminário sobre a temática de seu livro, na Sociedade Espírita Casa da Prece (Rua Benjamin Constant 1251), dia 2 de novembro (sábado), das 9 às 12h30 e das 14 às 18h00, com ingresso gratuito.

Outras informações sobre o Seminário de Figueiredo em Pelotas, poderão ser obtidas pelo telefone (53) 99982-8177, ou pelo e-mail hward@uol.com.br.

No domingo, em Porto Alegre



Com a mesma temática de Pelotas, **Paulo Henrique de Figueiredo** desenvolverá, também pela manhã e tarde, no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (Rua Botafogo, 678) um seminário enfocando temas abordados em seu último livro.

“*Autonomia – a história jamais contada do espiritismo*” contém informações inéditas, documentos até aqui secretos e histórias nunca divulgadas. Segundo relata a obra de Figueiredo, Allan Kardec, avisado pelos espíritos acerca de futuros ataques ao espiritismo, reuniu documentos e comunicações para assegurar que a história fosse fiel aos fatos. Realmente, após a desencarnação de Kardec, ocorreram adulterações de suas obras. O pesquisador brasileiro **Canuto de Abreu**, em Paris, teve acesso a arquivos secretos e a documentos deixados por grandes personalidades espíritas. Reuniu grande parte desses documentos que agora estão sendo recuperados e traduzidos pelo projeto “Cartas de Kardec” da Fundação André Luiz, de São Paulo. O novo livro de Paulo Henrique de Figueiredo traz as primeiras revelações surgidas dessas pesquisas.

“*Autonomia – a história jamais contada do espiritismo*” (662 páginas) está a venda, a livraria do CCEPA a 65 reais o exemplar.

Um podcast sobre a CEPA

O comunicador e pesquisador espírita **Eric Pacheco**, do Grupo Espírita Amélie Boudet (Rio de Janeiro) vem realizando uma série de entrevistas, em vídeo (podcasts), documentando fatos, história e ideias ligadas ao espiritismo brasileiro e mundial.

Uma de suas últimas realizações foi a entrevista com o ex-presidente da CEPA, **Milton Medran Moreira**, sobre a história e as ideias da CEPA – Associação Espírita Internacional, com um retrospecto desde a fundação da entidade, antes denominada Confederação Espírita Pan-Americana, em outubro de 1946, na Argentina, e sua presença no Brasil.

O podcast com Medran pode ser acessado no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=pd6n7ix2zPE&t=8s> ou no portal da CEPABrasil: <https://www.cepabrasil.org.br/portal/>.





Enfoque

ESPIRITISMO Laico ou religioso?



Nícia Cunha,
empresária, delegada da
CEPA em Cuiabá/MT.

O que diferencia um espírita laico, livre pensador, do espírita religioso é o fato de discordar do caráter superior, divino, infalível e completo, que os religiosos atribuem aos Espíritos Superiores e seus ensinamentos. Assim, para os laicos, o termo “revelação”, frequentemente usado em relação à doutrina espírita, só tem o sentido de transmissão de conhecimento, passível de mudanças e acréscimos progressivos, como qualquer outro, no âmbito cultural e/ou científico.

Importante frisar que no espiritismo religioso, o livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” tornou-se uma “Bíblia Espírita”. É lido de modo devoto e aleatório e fragmentariamente interpretado. Na realidade é apenas o terceiro livro da Codificação, redigido de forma ordenada e didática por Kardec, que era professor e pedagogo, um dos melhores discípulos de Pestalozzi. Foi elaborado visando o claro objetivo de demonstrar que a filosofia espírita não contradiz o sentido moral do pensamento de Jesus, embora aponte as incongruências da doutrina cristã, católica e protestante.

Nessa obra, que trata dos ensinamentos de Jesus, endossa-o plenamente. E explica os Evangelhos à luz do conhecimento espírita, que se prende às Leis Naturais e Divinas, em essência, presentes em todos os sistemas de crenças, desde os primórdios histórico-culturais. Partindo das premissas e argumentos dele constantes, é fácil deduzir que o Espiritismo é maior do que os Evangelhos, pois os explica e amplia.

Kardec usou o recurso didático, inquestionavelmente reducionista, de dividir em três, as etapas de revelação da Lei Natural e Divina, que seriam: a Lei Mosaica, o Cristianismo e o Espiritismo. A partir disso, o segmento religioso defende a sacralidade da Doutrina Espírita de modo messiânico e com um sentimento de superioridade que beira a arrogância. Consideram o Espiritismo como a Terceira Revelação Divina, repassada à humanidade por Espíritos Superiores, integrantes de uma falange liderada pelo Espírito Verdade, que afirmam ser Jesus. Portanto, lhe atribuem caráter divino, infalível e imutável.

Um dos mais fortes argumentos dos laicos ao contradizer essa visão judaico-cristã está justamente no fato de que alguns dos conhecimentos revelados pelos Espíritos Superiores não se sustentaram, diante dos fatos científicos. Portanto, não podem ser “divinos, infalíveis, imutáveis”. Os laicos reconhecem que os espíritos da Codificação foram mestres; advogam, entretanto, que estavam embasados em seu próprio conhecimento, circunstanciados em seus credos e patamares evolutivos. E com certeza, restritos ao âmbito material e espiritual do planeta Terra - ou pouco mais além dela.

Uma das bandeiras dos laicos é a questão da atualização da Doutrina Espírita e essa posição é veementemente contestada pelo segmento religioso. Acusam-na de querer ALTERAR os textos de

Kardec e “TIRAR JESUS DO ESPIRITISMO”, demonstrando uma atitude xiita, fundamentalista. Ora, em sã consciência, ninguém altera a obra de quem quer que seja. Mas pode estudá-la, contestá-la, endossá-la e complementá-la. A CEPA - Associação Espírita Internacional congrega espíritas livres-pensadores que tentam seguir a afirmação/recomendação do próprio Kardec, segundo quem o Espiritismo jamais ficará desatualizado, pois caminhará com a ciência: se esta demonstrar que ele está errado em um ponto, o Espiritismo deverá rever suas posições.

Em “A Gênese”, Capítulo I, Item 13 e seguintes, Kardec afirma que a revelação espírita tem ORIGEM divina, mas é de ELABORAÇÃO HUMANA através da CIÊNCIA. Paradoxalmente, os espíritas cristãos não reconhecem em humanos (que nada mais são que espíritos encarnados) moralidade e condições para REVISAR CONCEITOS e complementar a Doutrina. Esperam que outra “falange” espiritual venha com “novas revelações”. Tal como os judeus, ainda esperam Messias. Se assim fosse, não deveríamos aceitar os ensinamentos dos Budas, de Sidartha, de Mao-mé, de Confúcio, etc. E, lógico, também de Jesus, pois estavam todos encarnados, quando os disseminaram.

O movimento es-

piritista tende a criar e manter ídolos: médiuns famosos são considerados intocáveis, não sujeitos ao crivo da crítica. Absorve uma vasta produção literária espírita de caráter mediúnico, ou não, denominada “Literatura Complementar”, geralmente sacralizada. Não é aconselhável a leitura de qualquer desses livros, antes de haver esgotado a obra de Kardec, que dará o parâmetro para uma correta avaliação da qualidade da informação e coerência doutrinária.

Os mais famosos são os livros de autores espirituais, como Emanuel e André Luiz, psicografados por Chico Xavier, assim como os de Joanna de Angelis, tendo por médium Divaldo Franco. Há ainda obras de outros médiuns menos conhecidos, mas também reverenciados e tidos como quase santos. Esses livros e também os chamados “romances espíritas” são vendidos aos milhares. Alguns apresentam valor literário ou de estilo, mas quase sempre são de cunho moralista, com exortações religiosas. No geral, apresentam temas e argumentos simplórios, teor medíocre, incorreções doutrinárias. Em grande parte, são os responsáveis por equívocos interpretativos e disseminação de credices, carreando má fama para o espiritismo e desrespeito aos seus adeptos.

A partir do modelo religioso adotado, muitos indivíduos vão ao Centro Espírita na tentativa de solucionar problemas: de saúde, amorosos, financeiros, existenciais, etc. Pessoalmente, costumo ilustrar a questão com a seguinte frase: A pessoa chega como interessada, acha interessante, acaba interessada e, de algum modo, passa a contribuir. Contudo, a melhor contribuição é a que dará a si mesma, equilibrando sua vida e ganhando subsídios para prosseguir na evolução.

Quem se habilita tem muito a descortinar e, quase sempre, elimina inquietações filosóficas e existenciais.



Lido de modo devoto e aleatório, O Evangelho Segundo o Espiritismo passou a ser uma espécie de Bíblia Espírita.